

**Aluno:Klebson Edmilson Cunha Melo.**

**Podcast do título: Movimento Abolicionista: O Processo De Luta E Suas Estratégias.**

Finalmente, o Ceará liberta os melânicos, a seca ajudou.

O artigo apresenta o fenômeno da abolição da escravidão no Brasil a partir de uma sociologia política relacional. De um lado, o abolicionismo é analisado como parte de uma dinâmica que envolvia instituições políticas, espaço público e clandestinidade, arenas nas quais se travou o jogo entre movimento, Estado e contra o movimento escravista. De outro lado, a análise insere o movimento em seu contexto internacional, apontando a apropriação do repertório de experiências abolicionistas estrangeiras por ativistas brasileiros. O objetivo é evidenciar a modernidade e a relevância do movimento abolicionista nacional para o processo político de abolição da escravidão.

A abolição da escravidão é desses eventos raros na história do país; divide águas, seja como fato, seja como símbolo.

A aura de “Redentora” era, de fato, exagerada; contudo, o deslocamento de relevância da herdeira do trono imperial para o líder de revolta escrava solapou um fenômeno que não é uma coisa nem outra: o movimento social pela abolição da escravidão.

Seus discursos em efemérides, retrospectos na imprensa e memórias delinearam fatos, líderes e datas capitais do abolicionismo.

Essa narrativa tem óbvios inconvenientes. Um deles é marcar o início da mobilização no momento em que esse ativista-narrador começou o seu ativismo.

A reação à explicação estruturalista compôs outra vertente, popular nos anos 1980, que virou o farol para os agentes. Em vez dos grandes líderes, buscou, inspirada em E. P. Thompson, os anônimos e vencidos da história da abolição.

Essas três famílias interpretativas, resumidas aqui a alguns de seus membros, operaram uma divisão do trabalho intelectual: uma privilegia fatores estruturais, outra o ativismo dos escravos, a terceira, as instituições políticas. Todas registram manifestações abolicionistas no espaço público, uma campanha pública pela abolição da escravidão, mas não tomam o assunto como objeto de estudos per se.

É relacional porque insere o movimento em seu contexto internacional, considera os abolicionistas brasileiros em sua relação com similares estrangeiros. 6

Manifestação pública em espaço fechado: conferência (assembleia, conferência pública, conferência-concerto, conferência internacional, meeting em salão, meeting militar, pronunciamento, manifestação, manifestação cívica, matinê, soirée, homenagem, reunião, reunião pública, reunião popular, celebração, cerimônia, comemoração, meeting em salão, sessão, sessão comemorativa, sessão magna, sessão pública, sessão solene); evento artístico (concerto, matinée musicale, ópera, peça de teatro, exposição, sarau literário, festival); festa (literária, domiciliar, banquete, baile); reunião (reunião pública, assembleia, recepção, visita, congresso)..

E, no entanto, as abolições no Ocidente compuseram um grande ciclo de mobilização, começando pela Inglaterra no século XVIII e estendendo-se até a segunda metade do XIX.

O acesso à rede de ativismo cosmopolita permitiu construir respaldo político internacional para o movimento brasileiro.

A experiência internacional funcionou também num segundo sentido, como um “repertório de confronto” (Tilly, 2006: vii) antiescravista. A noção abarca o conjunto de tipos de performances políticas criadas em conflitos, que, se bem-sucedidas, se tornam modelares para a ação futura de novos agentes, numa certa cultura, em dada época. Retóricas, estratégias e formas de organização testadas por movimentos abolicionistas nacionais anteriores — inglês, francês, espanhol, norte-americano — funcionaram como um repertório antiescravista para os brasileiros, fornecendo modelos para a construção do ativismo local.

A partir da filtragem do repertório abolicionista estrangeiro e de sua adaptação à tradição nacional, os abolicionistas construíram três retóricas mobilizadoras. A do direito se associou aqui ao tropo da abolição como nova Independência. A da compaixão, de origem religiosa, sem poder contar com a base católica, ganhou o matiz laico do romantismo, o que reforçou o teor artístico e laico da propaganda. A do progresso granjeou coloração cientificista, que não se vira em abolicionismos precedentes. Juntas, redefiniram a escravidão — antes socialmente naturalizada — como injustiça, indignidade, atraso. E indicaram a possibilidade de mudança por meio da ação política coletiva. Contribuição capital para a mobilização.

A seleção de estratégias de mobilização foi também situacional, conforme à balança de poder em cada circunstância. Diferentes conjunturas políticas, grau de abertura do sistema político à agenda da abolição; disponibilidade ou não de aliados; força dos escravistas e disposição do Estado para cooptar, tolerar ou reprimir, empurraram os ativistas para arenas distintas: manifestações no espaço público, política parlamentar, ações clandestinas.

Tipicamente são situações nas quais há cisão da coalizão política no comando do Estado, o que gera elites dissidentes, potenciais aliados para movimentos de contestação. A fratura interna reduz a capacidade estatal de reprimir protestos, propiciando aos desafiantes a possibilidade de exprimir publicamente seus pleitos, com chances mais baixas de repressão.

Um ciclo das flores, quando a estratégia preferencial do movimento foram manifestações públicas em teatros e ruas e libertações de território, que, em março de 1884, geraram uma proeza: com apoio do presidente da província, um discípulo de Abílio Borges, os abolicionistas declararam uma província inteira, o Ceará, livre da escravidão. Esse fato consumado obrigou o sistema político nacional a agir.

A Confederação Abolicionista, fundada em 1883, com vistas a aglutinar os abolicionistas de todo o país, endossou Dantas. Em nome dela, José do Patrocínio escreveu ao ministro e filho do chefe de gabinete: “[...] tudo o que tiver relação com o assunto [a escravidão] eu lhe remeterei com a maior satisfação. Se houver omitido alguma coisa importante sobre o assunto de que falei ao Conselheiro Rui Barbosa,

basta um aviso [...] e eu prontamente enviarei” (Carta de José do Patrocínio a Rodolfo Dantas, 26/7/1884).

A oposição à união movimento-governo foi enorme. Resistência social difusa de escravocratas, cuja atividade se baseava na mão de obra escrava, e reação política organizada, na forma de contramovimento em favor da manutenção da escravidão, o escravismo.

Esse reposicionamento desarmou o confronto abolicionistas-escravistas e gerou uma solução de compromisso mediada pelo Estado. Os abolicionistas pagaram um preço: em maio de 1888, aprovaram sua demanda central, a abolição sem indenização, mas desacompanhada de qualquer outra reforma.

Em cada momento do processo político, variações no equilíbrio de oportunidades e ameaças compeliram o movimento a agir prioritariamente numa arena.

Escolhas relacionais, primeiro por flores, depois por votos, por fim, por balas. Como estratégias e alianças estiveram em contínua negociação entre as facções, os articuladores políticos foram decisivos para produzir a coesão interna mínima da policêntrica rede abolicionista, viabilizando sua autoapresentação como ator político coletivo, um só movimento.

A bibliografia especializada já registrou a relevância da lógica econômica, das instituições políticas e da resistência dos escravos para sua compreensão.

Entender o abolicionismo, seus antagonistas e o andamento do processo político da Abolição importa porque o fim da escravidão dividiu águas na história do Brasil, mas também porque a natureza de seu remate reverbera ainda nas formas contemporâneas da desigualdade.

Já estava com dias contados a abolição.

Bom dia, meu nome é Klebson Edmilson Cunha Melo, vou falar sobre Movimento Abolicionista: O Processo De Luta E Suas Estratégias.

A outra posição polar consiste em afirmar a rebeldia negra como fator explicativo essencial da abolição independentemente do abolicionismo “branco”.

Quando os negros foram libertos na província Ceará, tiveram discursos, 25 de março de 1884, na Veneza brasileira, para tentar abolir os negros na Terra de Santa Cruz, foi marco de luta abolicionista em Recife, foram feitos por Joaquim Nabuco e José Mariano, sendo um exemplo de como o movimento abolicionista ganhou força e visibilidade.

Clube Do Cupim: Eram grupos de escravos do Brasil, libertos na Ceará, nasceu em Recife, Pernambuco.

Bibliografia:

Alonso, Angela. Flores, Votos e Balas. O Movimento Abolicionista Brasileiro (1868-88)

Alonso, Angela. O Abolicionismo Como Movimento Social.

Cardoso, Ciro Flamarion S. A Abolição como Problema Histórico e Historiográfico, cap. 2.

Da Costa, F. A. Pereira. Pernambuco ao Ceará, o dia 25 de março de 1884.

Google.com